

NOTA DOS EDITORES

Iniciamos o número 40 da *Revista Antropolítica* com o dossiê *Da Pragmática da Corporeidade Afrodiaspórica: gramáticas do movimento, ontologias e atravessamentos*, organizado pelos professores Julio César de Tavares (PPGA/UFF) e Kássio Motta (UFF). Com a proposta de apresentar reflexões sobre “ (...)as múltiplas experiências de imanências – e não de objetos –, que incessantemente conformam o que podemos denominar de gramática da corporeidade afro-brasileira”, o dossiê traz cinco artigos. O primeiro “Colonialidade do Ser e Corporalidade: O Racismo Brasileiro por uma Lente Descolonial”, de Juliana Streva, traz uma reflexão teórica a respeito da natureza de um corpo submetido a violência da ambivalência colonial – física e simbólica –, e de seu legado, a colonialidade. A seguir, o artigo “Performances Afro-Diaspóricas e Decolonialidade: O Saber Corporal a partir de Exu e suas Encruzilhadas”, de Luiz Rufino, revela a busca por uma compreensão da corporeidade, marcante na tradição cultural afro-brasileira, através da articulação de categorias e conceitos que são nativos e correntes em quatro campos: Capoeira, Umbanda, Candomblé e Jongo. O dossiê continua com o artigo de Ricardo Freitas, “Jovens de Axé: Construção de (Auto)Imagens, Estética Afro e Identidade Religiosa”, no qual o autor apresenta um olhar analítico sobre o modo como os jovens de axé, a juventude integrante de terreiros, se autorrepresentam e como produzem sua presença neste mundo contemporâneo através da máquina cibernética. Seguidamente, o texto de Julianna Rosa e Lau Santos, “Experiências e Estéticas Afro-Diaspóricas: o Corpo, a Dança e o Canto como Procedimentos de Criação de Ijo Alapini”, desenvolve uma reflexão sobre a utilização de práticas corporais afro-diaspóricas em processos criativos nas Artes Cênicas. Por fim, o quinto artigo “Dança do Maracatu – Aprendendo suas Formas com Mestre Maurício”, de Laís Salgueiro, apresenta sua experiência etnográfica com a dança do Maracatu e suas reflexões sobre o movimento como elementochave na construção da cultura daquela performance.

Em seguida, apresentamos a seção Artigos, composta por textos submetidos através de nosso sistema de fluxo contínuo e avaliados por pareceristas externos. Seguindo a linha editorial da Revista, os seis artigos aqui publicados trazem contribuições sobre diferentes temas de interesse antropológico. Abrimos a seção com o artigo “Entre “porcarias” e “bichos difíceis”: poder e moralidades na coleta de provas orais em audiências judiciais em um município no interior do Espírito Santo”, de Márcio de Paula Filgueiras, no qual, a partir da análise etnográfica de audiências judiciais, o autor discute como o sistema jurídico e o direito estão atravessados não apenas por aspectos formais e racionais, mas por avaliações morais e relações sociais diversas. Em seguida, em uma linha semelhante, o artigo “Mediação de conflitos e voluntariedade: olhares cruzados entre Rio de Janeiro e Buenos Aires”, de autoria de Kátia Sento Sé Mello, contrasta, em perspectiva comparada, as formas institucionais de mediação de conflitos nas duas cidades, enfatizando e discutindo o caráter paradoxal da “voluntariedade” desses processos. A seguir, o artigo de Marcos Freire de Andrade Neves, intitulado “Entre pessoa, corpo e coisa: a vida social de cadáveres em laboratórios de anatomia”, apresenta o trabalho de campo desenvolvido em um laboratório de anatomia de uma universidade na cidade de Porto Alegre, com o objetivo de discutir o processo através do qual os corpos humanos para aí cedidos ingressam em um sistema de trocas que transforma seu status e a forma como são significados. Já o artigo de Rodrigo Ayupe Bueno da Cruz, “A importância da comida na construção da etnicidade árabe em Juiz de Fora”, reflete, em perspectiva histórica e etnográfica, sobre o papel da comida no processo de construção da etnicidade árabe em Juiz de Fora, a partir daquilo que o autor identifica com um processo de expansão da comercialização e consumo da comida árabe. Por sua vez, o artigo “Produzindo estilo, negociando sentidos: arte, mercado e criatividade junto ao funk carioca”, de Mylene Mizrahi, discute, a partir da etnografia conduzida sobre estética funk no Rio de Janeiro, as relações entre criatividade e mercado, tendo como contraponto à noção estabelecida de “indústria cultural” enquanto promotora da pasteurização da produção e da submissão do criador pop às exigências do mercado. Por fim, o artigo “O

embate entre Edward Said e Bernard Lewis no contexto da ressignificação do Orientalismo”, de Leonardo Luiz Silveira da Silva, discute as possíveis ressignificações do termo “orientalismo”, a partir da polêmica entre Said e Lewis mostrando a emergência e pluralidade de temas que passaram a integrar o escopo de sua abordagem. A seção conta ainda com uma tradução de Tim Ingold, originalmente publicado como editorial da Revista *Man* de 1992. A tradução e a apresentação do texto ressaltando as contribuições de Ingold para a antropologia são de autoria de Luis Felipe Rocha Benites.

Com o objetivo de publicar reflexões sobre as várias dimensões que envolvem o fazer antropológico, seja em termos de reflexão sobre trabalho de campo ou estudos acadêmicos em uma sociedade estrangeira, ou, em termos mais gerais, sobre as diferentes possibilidades de trocas acadêmicas articuladas a acordos institucionais, trazemos a seção Olhares Cruzados. Neste número, contamos com a contribuição de Angela Facundo (UFRN), “Estudar e pesquisar no exterior ou as distâncias que (des)constroem estrangeiros em duas experiências de formação na França e no Brasil”. Nesse artigo, Ângela, de nacionalidade colombiana e com experiência de formação também no Brasil e na França, traça uma reflexão comparada como estudante e pesquisadora estrangeira nesses dois países. A partir dessa reflexão, a autora entrelaça dados sobre os mundos acadêmicos e universitários de ambos os países com os processos de escolha, de mobilidade e migratórios que são construídos nas decisões de “estudar fora” do país natal.

Já na seção Trajetórias e Perspectivas, publicamos um texto da professora e pesquisadora Sofia Tiscornia sobre a formação e desenvolvimento do campo da Antropologia Jurídica na Argentina. O artigo originalmente apresentado em um Seminário na UFF traz uma contribuição original e esclarecedora sobre a constituição desse campo abrindo uma reflexão comparada com o Brasil e outros países da região.

Para finalizar esta edição, a seção Resenhas conta com três textos. A primeira resenha da seção trata sobre a obra “A antropologia do tempo” de Alfred Gell, buscando trazer para a discussão as diferentes formas de mapear e representar o tempo entre grupos e culturas humanas. A seguir publicamos

a resenha da coletânea organizada por Arlei Sander Damo e Ruben George Oliven, “Megaeventos no Brasil: um olhar antropológico”, na qual diversos artigos apresentam uma reflexão sobre os eventos esportivos acolhidos no Brasil nos últimos anos. Por fim, a terceira resenha publicada nesse número versa sobre um tema caro à Antropologia a partir da coletânea organizada por Esther Langdon e Luís Éverton “Rituais e performances: Iniciações em pesquisa de campo”, no qual oito autores refletem sobre suas pesquisas em torno a esses dois conceitos centrais da teoria antropológica: ritual e performance.

A foto da capa do presente número é de autoria de Benjamin Abras, ator/performer do vídeo-dança IJO ALAPINI.

Continuamos a receber submissões de interesse para a área das Ciências Sociais, em regime de fluxo contínuo. Mantemos o nosso e-mail (antropoliti-cauff@gmail.com) para contato e indicamos o site em que estão disponíveis os demais números da revista <http://www.uff.br/antropolitica/antropolitica-numeros.html>. As submissões podem ser encaminhadas exclusivamente por meio do site <http://www.revistas.uff.br/index.php/antropolitica>, no qual podem ser encontradas as normas de publicação e outras informações.

Comitê editorial